



TURISMO E SUA HISTÓRIA: REDISCUTINDO PERIODIZAÇÕES

Rebecca Cisne¹
Universidade de Caxias do Sul

Susana Gastal²
Universidade de Caxias do Sul
Pontifícia Universidade Católica/RS

Resumo: As periodizações na História do Turismo têm sido feitas por meio de recortes temporais escolhidos a partir das convenções adotadas pelos autores que contextualizam o Turismo no Tempo. Este artigo, resultado de revisão bibliográfica, tem seu referencial fundamentado em autores (LICKORISH e LENKINS, 2000; ACERENZA, 2002; BARBOSA, 2002; REJOWSKI, 2002) que narram o desenvolvimento do fenômeno e, a partir de um julgamento crítico sobre a periodização por eles utilizada buscou-se ancorá-las no paradigma do Pós-Turismo, conforme proposto por Molina (2003).

Palavras-Chave: Turismo; História; Periodização

1 INTRODUÇÃO

A história é instrutiva em um estudo do turismo, não apenas porque talvez haja lições para aprender, mas também porque as sementes do crescimento futuro são encontradas no passado (LICKORISH e LENKINS, 2000, p. 20).

Nas últimas décadas, houve significativo avanço acadêmico no que se refere à consolidação do campo teórico e metodológico do Turismo. Entretanto, para maior compreensão do objeto em si, um item fundamental talvez esteja sendo negligenciado: a história do Turismo e das Viagens.

¹ Bacharel em Turismo pelo Iesam; Especialista em ensino e aprendizagem de língua estrangeira – Inglês pela UCS; Mestranda em Turismo pela UCS. <rebeccacisne@gmail.com>

² Doutora. Professora e Pesquisadora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Professora do Curso de Turismo da PUC/RS. <sgastal@terra.com.br>

Como as autoras procuram demonstrar no presente artigo, o percurso da atividade ao longo do tempo tem sido tratado de maneira periférica na bibliografia especializada, ou mesmo por não especialistas. Há poucos estudos que trabalham com fontes primárias, por um lado; e alguma preocupação em aplicar o termo Turismo, por outro; induzindo que a validação de um corpo científico passaria por uma Antiguidade.

Nesses termos, no presente texto, as autoras reproduzem as periodizações encontradas em pesquisa bibliográfica-exploratória, para, a seguir, lançar um olhar crítico sobre a produção arrolada, analisando e colocando em diálogo tais periodizações que propiciem melhor compreensão do Turismo no percurso do tempo. Então, com vistas a essa proposição de leitura para um possível aprofundamento da História do Turismo, este artigo, a partir de revisão de literatura, destacando Lickorish e Lenkins (2000), Acerenza (2002), Barbosa (2002) e Rejowski (2002), contextualiza as periodizações utilizadas por esses autores, confrontando-as e as adequando à periodização proposta por Molina (2003) no livro “O Pós-Turismo”. A escolha pela periodização deste autor para orientar a leitura dos demais se justifica por ser, cronologicamente, a mais ampla, ao considerar a pós-modernidade, no que ele denomina de Pós-Turismo.

Falar em Pós-Turismo implica um novo paradigma teórico-metodológico, ainda em processo de desenvolvimento, análise e enriquecimento conceitual. Não exclui as manifestações conhecidas do Turismo Moderno e se apresenta como uma alternativa para um maior e melhor entendimento das práticas turísticas, não só em termos financeiros, mas também sociais e culturais (MOLINA, 2003).

Molina estabelece três estágios de desenvolvimento do fenômeno. O primeiro seria o PRÉ-TURISMO, destacando o *Grand Tour* e a recuperação dos balnerários como destinos importantes de intensa vida social. O autor ressalta que, ainda hoje, há no mercado produtos rústicos e quase sem infra-estrutura que são tipicamente dessa fase.

O segundo, TURISMO INDUSTRIAL, é subdividido em três categorias. A primeira, TURISMO INDUSTRIAL PRIMITIVO³, teria se originado no século XIX, prolongando-se até o início da Segunda Guerra Mundial; a segunda, TURISMO INDUSTRIAL MADURO, teria iniciado com a Segunda Guerra Mundial, prolongando-se até meados da década de 1980; e, finalmente, a terceira categoria, o TURISMO PÓS-INDUSTRIAL, que teria iniciado a partir da metade da década de 1980 e apresentou mudanças significativas em relação às antigas técnicas.

³ *Turismo Industrial Temprano* é o termo utilizado na obra original, Espanhol.

Estrutura-se em momentos sociais e culturais e rompe com a dependência da sazonalidade por meio do uso da tecnologia.

Já o PÓS-TURISMO seria um novo paradigma e também uma categoria histórica emergente explicada pelas tecnologias de alta eficiência e fenômenos sócio-culturais da década de 1990. A informação nesse período seria utilizada de forma intensiva e atinge o estágio de recurso estratégico nas empresas, podendo atuar também como fonte de autonomia ao Sujeito turístico, que deixa de depender da intermediação de profissionais para formatar Pacotes ou Roteiros Turísticos.

Para destacar a importância desse paradigma na construção deste estudo, salienta-se que “tais categorias devem-se a conceitos e práticas diferenciadas que não se excluem entre si no contexto do tempo, ou seja, que em uma mesma década ou lustro podem aparecer simultaneamente” (MOLINA, 2003, p. 22).

2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO

Existem, nas narrativas que buscam resgatar a História do Turismo, alguns fatores aceitos como padrão e marcos histórico no desenvolvimento do fenômeno. Destacam-se aqui três deles: O *Grand Tour*, as peregrinações durante a Idade Média e a figura de Thomas Cook. As peregrinações na Era Medieval estavam distante do conceito de viagem por lazer, já que “o peregrino não escolhia o itinerário nem a durabilidade de seu périplo. Ele estava totalmente exposto às dificuldades e às intempéries do caminho a ser percorrido” (BARBOSA, 2002, p. 24). O período da Idade Média é mencionado pelos autores aqui trabalhados como um período de retração dos deslocamentos, ainda que não total, já que havia peregrinos que viajavam em grupo. A respeito do caráter grupal que esses deslocamentos assumem, Boyer (2003, p. 70) diz que as peregrinações e cruzadas

[...] foram migrações coletivas originais, pois não eram provocadas nem pelo medo (da fome ou de invasores), nem pelo lucro; elas só esperavam uma recompensa no além, desde que consiga atingir o objetivo que é um lugar sagrado [...] para o peregrino que chegou ao lugar sagrado, o passado se torna presente: ele revive a Crucificação, a Hégira, tal milagre do santo. A dificuldade da caminhada tem, por si só, um valor redentor.

Nas narrativas históricas desse período, tem-se o destaque para a “dificuldade da caminhada por si só”, sobre a qual Boyer fez referência. Acerenza (2002), Barbosa (2002) e

Rejowski (2002) mencionam o ruim estado das estradas e das vias de acesso, a insegurança durante as viagens e, como consequência, a redução do fluxo.

Já o *Grand Tour* é apontado como marco para o surgimento da palavra “Turismo”. Segundo aponta Moesch (2002) o primeiro registro da palavra pode ser encontrada em 1800 no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford. A raiz *tour*, porém, teria sido documentada em 1760, também na Inglaterra, apesar de sua origem ser latina, francesa, original de *tornus* e *tornare*.

O *Grand Tour* se insere no contexto da Renascença Italiana, que ajudou a divulgá-la, impulsionando o ímpeto pelas viagens motivadas pela aprendizagem e aquisição de cultura, mas também teria motivado as viagens mercantis (LICKORISH E LENKINS, 2000). Teria se originado no século XIV, quando jovens da nobreza e da classe média inglesa abastada passaram a realizar viagens pelo continente europeu, por cerca de dois anos, para completar sua educação e ganhar experiência pessoal (ACERENZA, 2002). Lickorish e Lenkins (2000) apontam que os jovens bem nascidos, se aspirassem por carteiras na administração, na advocacia ou como militar, eram incentivados a viajar para o exterior (prática do *Grand Tour*) e, ao voltarem, essa parte dos estudos seria aceita na Europa como parte da educação, no século XVII.

Thomas Cook, por sua vez, é figura hegemônica na historiografia do Turismo, sendo apontado por alguns como “Pai do Turismo”⁴. Na contramão dessa hegemonia, Santos Filho (2004), chama a atenção para a preeminência de Cook nesse contexto histórico. Baseado em uma epistemologia fundamentada dentro do Materialismo Histórico e Dialético, favorecendo a retomada de novas questões para o campo científico do fenômeno turístico, Santos Filho (2004) observa que Cook não é mencionado pelos historiadores clássicos ingleses que escreveram sobre a segunda revolução industrial na Inglaterra. Segundo ele,

(...) o personagem histórico Thomas Cook só se tornou conhecido e considerado pelas literaturas inglesa e mundial quando foi resgatado por meio de estudos sobre o fenômeno turístico, os quais começaram a ser objeto de interesse do capitalismo e de centros de pesquisa. Por esse motivo, como mencionamos anteriormente, os grandes historiadores ingleses (conhecidos mundialmente) em nenhum momento o citam. A omissão pode ajudar a comprovar que o mesmo desempenhou na história da nação inglesa, um papel de pouco destaque para o conjunto das modificações estruturais que estavam ocorrendo na época (SANTOS FILHO, 2005, p. 74-5)

⁴ Ao se referir à Cook, Barbosa (2002, 2002, p. 52) diz: “Thomas Cook, um jovem de 32 anos, foi o responsável por uma das mais importantes transformações nas viagens”; Baseado em Lundberg Acerenza (2002, p. 71) afirma que “Thomas Cook foi o primeiro agente de viagens profissional dedicado ao exercício desta atividade em tempo integral”; Rejowski et al (2002, p. 55), por sua vez, relatam que “Thomas Cok [...] estabeleceu as bases do Turismo, sendo considerado por vários estudiosos (Acerenza, 1986; Fuster 1974) como o primeiro operador profissional, o fundador de agências de viagens, ou, ainda, o pai do turismo moderno”

A partir disso, Santos Filho (2004) questiona sobre a negação da idiossincrasia, que induz de forma violenta ao cultivo preceitos alheios à nossa cultura como se o Turismo não existisse na história nacional. A proposta do autor é deslocar as discussões históricas da visão eurocentrista e realocá-las, por meio do resgate das etnias latinas (povos maias e incas), no preceito de que a história das civilizações é fruto de um processo. Considerando-se que o deslocamento sempre esteve presente na realidade social, mas que “sua manifestação durante a história da humanidade surge de diferentes e aproximadas essencialidades” (SANTOS FILHO, 2005, p. 75), a hegemonia de Cook na História do Turismo é justificada pelo autor pelo fato de a Inglaterra ter, naquela época, os meios de produção mais desenvolvidos para subsidiar um personagem que revolucionaria a prática organizando o Turismo Moderno.

Não se nega aqui as contribuições de Cook, busca-se apenas apresentar os traços e as críticas em relação à História do Turismo. O objetivo deste artigo, conforme já mencionado anteriormente, não é trazer novas teorizações ou refutá-las, mas propor uma leitura menos fragmentada da História do Turismo, buscando compreendê-la por meio de um pensamento mais unificado.

3 OS AUTORES E SUAS PRODUÇÕES

a. Introdução do Turismo

Na obra “Introdução ao Turismo” Lickorish e Lenkins (2000) narram, no segundo capítulo, a História do Turismo, apresentando-a em quatro estágios: o PRÉ-HISTÓRICO, a ERA DAS FERROVIAS, o ENTRE GUERRAS e a DECOLAGEM DO TURISMO. O Turismo pré-histórico compreenderia do período Medieval ao início do século XVII, momento em que primeiros sinais de crescimento industrial começariam a exercer influência nos modos de vida. Os autores destacam fatores que teriam estimulado o interesse por visitar outras localidades, como o aumento gradual da riqueza, a extensão das classes de comerciantes e profissionais, os efeitos da Reforma Protestante e a secularização da educação, levando à inclusão da viagem como parte do processo educacional de formação do indivíduo.

O segundo estágio, a ERA DAS FERROVIAS, envolveria não apenas os trens, mas os meios de transporte que teriam transformado o viajar. Nesse período, fatores como o acelerado crescimento populacional e o aumento do poder aquisitivo teriam criado um novo e enorme mercado, em um curto período de tempo. “Inventou-se”, conforme termo utilizado pelos autores, o Turismo de Massa, o que teria levado ao desenvolvimento de *resorts* e à

introdução da “indústria de viagens”. É nesse estágio que aparece a figura e a contribuição de Thomas Cook para o desenvolvimento e ressignificação das viagens.

O terceiro estágio desenvolveu-se no período ENTRE GUERRAS, de 1919 a 1939. A Primeira Guerra Mundial interrompera o avanço das ferrovias e do vapor, mas impulsionara outras formas de desenvolvimento técnico, como a expansão das rodovias, já que os carros e ônibus teriam se tornado mais eficientes e, além disso, havia um número expressivo de ônibus utilizados pelas forças armadas que passaram a ser redundantes. Além disso, a guerra teria trazido, conforme apontam os autores, mudanças nas atitudes, grandes expectativas, aumento dos padrões de vida, interesse pela paz e pelo entendimento mútuo, além de uma ordem social menos rígida, com um papel mais ativo das mulheres na sociedade. No âmbito dos transportes, trouxe o investimento na aviação.

Finalmente, na DECOLAGEM DO TURISMO, ocorrida a partir de 1945 e que viria até hoje, há a marca da revolução tecnológica e do desenvolvimento industrial em massa, resultando na aceleração da criação de riquezas e da distribuição de rendas, mudanças nos estilos de vida e de comunicação. Nesse momento, a velocidade e a escala de mudanças teriam aumentado significativamente.

b. Turismo no Percurso do Tempo

A obra “Turismo no Percurso do Tempo” foi organizada por Rejowski (2002) e está dividida em quatro capítulos, a saber, respectivamente: “Antecedentes das viagens e do Turismo” (YASOSHIMA e OLIVEIRA); “Desenvolvimento do Turismo” (REJOWSKI et al); “Turismo em cenários de mudança” (REJOWKI e SOLHA); e “Evolução do Turismo no Brasil” (SOLHA), sendo que, por tratar do Turismo em nível mundial, este artigo não considerou o último capítulo.

O primeiro capítulo propõe uma análise da “gênese do Turismo” a partir da contextualização dos deslocamentos na Antiguidade, Grécia e Roma, na Idade Média, com os movimentos de peregrinos e comerciantes e, por fim a Idade Moderna, considerando o Renascimento e o *Grand Tour*.

O segundo capítulo apresenta as bases para o Turismo moderno, o qual se estruturou com as Revoluções Industriais e seus conseqüentes impactos para os meios de transporte; considera ainda os movimentos motivados pelo Termalismo, Cassinismo, Paisagismo e Montanhismo; e, por fim, apresenta os “pioneiros” no Turismo, as empresas, contextualizada

com o surgimento das agências de viagens, apontando para a figura de Thomas Cook, além das associações e dos grandes eventos.

O terceiro capítulo apresenta o período de 1900 a 1949 como uma época de transição pelo crescimento e interrupção do fluxo turístico; o período de 1950 a 1973, como ocasião de grandes transformações no campo do Turismo com o Turismo Massivo; e, por fim, o novo cenário, de 1974 a 2005, com a emergência dos debates sobre sustentabilidade, globalização e as incertezas que envolvem o fenômeno.

c. História do Turismo e das viagens

Barbosa (2002), busca pelo significado do Turismo resgatando momentos históricos que podem ter sido definidores para a constituição da atividade, como os primeiros deslocamentos nômades, o *Grand Tour*, o aparecimento e crescimento da importância dos balneários marítimos, fruto entre outros, da modernização dos transportes e das férias remuneradas, e a presença da figura de Thomas Cook.

d. Administração do Turismo

Acerenza (2002) é sucinto e direto em suas periodizações. Apresenta Grécia e Roma como “antecedentes remotos” do Turismo; contextualiza o Turismo a partir de meados do século 19, evidenciando a figura de Thomas Cook; aponta para as mudanças do turismo depois da primeira guerra mundial, enfatizando as contribuições dos meios de transportes aprimorados com a guerra; apresenta o fenômeno depois da segunda guerra mundial, assinalando as contribuições advindas com a aviação civil; e, finalmente, apresenta o Turismo nas últimas décadas, apresentando-o a partir da década de 1970.

4 TECNOLOGIA COMO MOTE À PERIODIZAÇÃO NO TURISMO

Após apresentarem-se alguns autores que abordam a História do Turismo, bem como as periodizações por eles adotadas, seguindo-se as evidências fornecidas por Morin (2008a) sobre a necessidade de um pensamento complexo, para que se possa ter uma reforma no pensamento (MORRIN, 2008b), em que não mais se aceita saberes fragmentados, que impossibilitam pensar em soluções de problemas de ordem prática, busca-se nesta seção

propor uma leitura da História do Turismo que transcenda periodizações determinadas individualmente pelos autores.

Reflete-se sobre periodizações que, independentes de recortes temporais específicos, possam abranger a complexidade histórica do fenômeno. Compreende-se, para esta construção, que o eixo norteador para qualquer recorte no temporal no Turismo seria a Tecnologia.

Entende-se Tecnologia aqui não apenas como uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível, como propõe Castells (1999) a partir de Harvey e Bell. A Tecnologia é compreendida neste estudo, portanto, como qualquer técnica, mesmo que proveniente de conhecimento tácito, que tenha proporcionado uma extensão (MCLUHAN, 1993) do corpo humano. Assim, a roda pode ser compreendida como uma tecnologia, por ter proporcionado a extensão dos pés dos homens, da mesma forma que as ferrovias, ou ainda os computadores como extensões da mente humana.

Tendo na Tecnologia o grande mote para traçar recortes temporais na construção histórica do Turismo, encontra-se no Pós-Turismo o aporte teórico para a ancoragem das periodizações propostas pelos autores, já que esse paradigma “procura implementar os recursos provenientes do conhecimento e da tecnologia que produzem, acumulam e adotam” (MOLINA, 2003, p. 13) para dar novos sentidos e buscar soluções para seus desafios.

Sempre presente no deslocamento, desde a roda mais rudimentar às tecnologias da informação na sociedade hodierna, a dimensão tecnológica passa a ser incorporada, ainda que não explicitamente, no recorte histórico do Turismo. A periodização fundamentada em cortes temporais rígidos anula o período anterior em detrimento de um novo. O paradigma do Pós-Turismo, conforme explicitado anteriormente, assume que a emergência de um novo modelo não significa que o anterior tenha sido anulado, dessa forma, pode-se encontrar hoje produtos essencialmente do Pré-Turismo, como os balneários, por exemplo (MOLINA, 2003).

Para justificar a tecnologia como categoria norteadora, conforme propõe-se neste estudo, analisar-se-á no quadro que segue a importância dada pelos autores, ainda que indiretamente à essa categoria em suas periodizações:

Quadro 01: A tecnologia como norteadora nas periodizações na História do Turismo

| Autor | Periodização | Época | Relação com a Tecnologia (Inferências) |
|-------------------------------|--|--|--|
| Lickorish e Lenkins | Pré-histórico | Período Medieval ao início do século XVII | Período de tecnologia rudimentar, antes das grandes Revoluções Industriais e advento dos transportes (ferrovias, automóveis) |
| | Era das ferrovias | Envolveria não apenas os trens, mas os meios de transporte que teriam transformado o viajar | Advento dos transportes que possibilitariam qualidade e facilidades no viajar |
| | Entre guerras | 1919 a 1939 | O período entre e pós-guerra é marcado pela evolução da aviação e surgimento das tecnologias da informação |
| | Decolagem do turismo | A partir de 1945 e que viria até hoje | |
| Rejowski | Antecedentes das viagens e do turismo | Antiguidade Clássica (Grécia e Roma); Idade Média; e Renascimento | Período de tecnologia rudimentar, antes das grandes Revoluções Industriais e advento dos transportes (ferrovias, automóveis) |
| | Desenvolvimento do turismo | “Grandes Transformações”, “Termalismo, Cassinismo, Paisagismo e Montanhismo”; “Pioneiros, Empresas, associações e grandes eventos” | Advento dos transportes que possibilitariam qualidade e facilidades no viajar |
| | Turismo em cenários de mudança | 1900 a 1949, transição pelo crescimento e interrupção do fluxo turístico | O período entre e pós-guerra é marcado pela evolução da aviação e surgimento das tecnologias da informação |
| | | Grandes transformações, de 1950 a 1973, com o Turismo Massivo | |
| Novo cenário, de 1974 a 2005. | | | |
| Acerenza | Antecedentes remotos | Grécia e Roma | Período de tecnologia rudimentar, antes das grandes Revoluções Industriais e advento dos transportes (ferrovias, automóveis) |
| | O turismo a partir de meados do século 19 (1850) | Grandes Revoluções | Advento dos transportes que possibilitariam qualidade e facilidades no viajar |
| | O turismo depois da primeira guerra mundial | Transportes ferroviários e navegação à vapor | O período entre e pós-guerra é marcado pela evolução da aviação e surgimento das tecnologias da informação |
| | Turismo depois da segunda guerra mundial | Aviação civil | |
| | O turismo nas últimas décadas | A partir de 1970 | |
| Barbosa | Primeiros deslocamentos humanos | Idade antiga – Romanos/gregos/fenícios Império romano e Idade Média | Período de tecnologia rudimentar, antes das grandes Revoluções Industriais e advento dos transportes (ferrovias, automóveis) |
| | Viagens Culturais – Grand Tour | Grand Tour | Advento dos transportes que possibilitariam qualidade e facilidades no viajar |
| | Ressurgimento do balneário e o Turismo de Cura | Balneário marítimo | |
| | Modernização nos transportes | Transportes – trens, navios, aviões | |

5 PARA CONCLUIR: A ANCORAGEM NO PÓS-TURISMO BASEANDO-SE EM UMA REFORMA DO PENSAMENTO

As reflexões aqui apresentadas baseiam-se em uma pergunta inicial sobre o porquê do uso de periodizações diferentes para designar o mesmo recorte temporal. A justificativa imediata poderia ser a fragmentação dos estudos sobre o fenômeno, o que significa dizer que os pesquisadores não dialogam entre si, além da ausência de um estatuto epistemológico no campo do Turismo.

Com vistas à superação dessa realidade, propõe-se buscar subsídios epistemológicos no paradigma da complexidade, o qual se baseia em uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelar, não fechado, não redutor e o reconhecimento do inacabamento, da incompletude de todo o conhecimento (MORIN, 2008a).

A partir desse entendimento, busca-se uma reforma do pensamento turístico, cuja base encontra-se no ensino servindo às finalidades, apresentando problemas e os possíveis caminhos para analisá-lo (MORIN, 2008b). Como consequência de uma produção fragmentada, o ensino no Turismo é igualmente fragmentado, impossibilitando o aluno a pensar em resoluções de problemas em sua totalidade.

Compreender a história do Turismo, suas nuances e contexto de desenvolvimento é importante para que se possa entender a situação atual do fenômeno. A base na Tecnologia, busca por um modelo de periodização abrangente em sua totalidade, já que, conforme observado no quadro 01, essa categoria foi o que determinou o corte nos recortes temporais adotados pelos autores aqui analisados. Dessa forma, o paradigma do Pós-Turismo revela-se como uma postura teórica capaz de abarcar as periodizações adotadas pelos demais autores, assumindo bases ontológicas para a ancoragem histórica do Turismo.

Ratifica-se que, a adoção desse paradigma não confere ao estudo caráter de simplificação, já que o objetivo maior ao qual se este artigo se propõe não é simplificar, mas buscar unificar, por meio da adoção do Pós-Turismo como aporte teórico, um conhecimento hoje fragmentado em recortes individuais. Baseando-se na complexidade, então, este estudo foi concebido em uma dialógica de ordem/desordem/organização, para chegar à sua proposta final, que pode ser observada no quadro 02.

Por fim, atentando-se às limitações pelos recortes bibliográficos considerados aqui, este estudo pode ser aprofundado com a inserção de outros autores e, em alerta à crítica de Santos Filho (2005), vislumbra-se um estudo sobre a História do Turismo no Brasil, situando-a no paradigma do Pós-Turismo.

Quadro 02: Desenvolvimento Histórico do Turismo, segundo paradigma do Pós-Turismo

| Período segundo Molina | | Lickorish e Lenkins | Rejowski | Acerenza | Barbosa |
|-------------------------------|-------------------------------------|----------------------|--|---|---|
| Pré-Turismo | | Pré-Histórico | Antecedentes das viagens e do Turismo | Antecedentes Remotos | Primeiros deslocamentos humanos Viagens Culturais – Grand Tour |
| Turismo Industrial | Turismo Industrial Primitivo | Era das ferrovias | Desenvolvimento do Turismo | Tturismo a partir de meados do século 19 (1850) | Ressurgimento do balneário e o Turismo de Cura |
| | | Entre Guerras | 1900 a 1949 transição pelo crescimento e interrupção do fluxo turístico (Turismo em cenários de mudança); | Turismo depois da primeira guerra mundial | |
| | Turismo Industrial Maduro | Decolagem do Turismo | Grandes transformações, de 1950 a 1973, com o Turismo Massivo (Turismo em cenários de mudança) | Turismo depois da segunda guerra mundial | Modernização nos transportes: as estradas de ferro |
| | | | Novo cenário, de 1974 a 2005, com a emergência dos debates sobre sustentabilidade, globalização e as incertezas que envolvem o fenômeno (Turismo em cenários de mudança) | Turismo nas últimas décadas | |
| Turismo Pós-Industrial | | | | | |
| Pós-Turismo | | | | | |

6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002 (Coleção ABC do Turismo).
- BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**: São Paulo: Paz e Terra, 1999. 3 ed.
- LICKORISH, Leonard; LENKINS, Carson L. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 7.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOLINA, Sérgio. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008a.
- _____, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008b.
- REJOWSKI, Mirian e SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- REJOWKI, Mirian et all. Desenvolvimento do Turismo modern. In: REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- SANTOS FILHO, João dos. Thomas Cook: marco da historiografia dominante no turismo: Ensaio sociológico sobre o surgimento e preconceito ao fenômeno turístico na história. **IN: Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul**, 02, 2004, Caxias do Sul. Anais... UCS, 2004, 1 CD-ROM.
- _____, João dos. **Ontologia do Turismo: estudo de suas causas primeiras**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.
- YASOSHIMA, José Roberto e OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das viagens e do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.